

# Notícias de Guimarães

ANO 20.º N.º 999

GUIMARÃES, 11 de Março de 1951

Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-R Tel., 4313

Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4581

VISADO PELA CENSURA

— AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## Comentário breve

A diversidade de opiniões sobre quanto possa contribuir para o progresso de um concelho, assim como para o engrandecimento de um país, é consequência fatal da liberdade de pensamento de cada um e das inúmeras modalidades a que a nossa inteligência, os nossos sentimentos, a sensibilidade e a cultura e tantos outros factores psíquicos de qualquer personalidade estão sujeitos.

E todas as opiniões são respeitáveis e todas podem ser discutidas, com calor e até com paixão, sem quebra da cortesia nem da dignidade, desde que sejam sinceras e sensatas. Essa discussão é mesmo indispensável e de enorme utilidade para que dentre todas as maneiras de ver e decidir, com ponderação se possa discernir a melhor.

Mas discutir não é baralhar, insultar, caluniar, mentir, deturpar e sofismar. Além de que, para discutir, é preciso ter uma opinião própria e não, simplesmente, a inveja vesga dos impotentes mentais que odeiam e achincalham todos quantos sejam capazes de representar um valor útil para o bem público.

E' pena que no nosso meio regional, onde tantas inteligências robustas e consciências dignas de respeito e admiração devem existir, tão poucos apareçam na lide defensiva dos interesses da terra. Aliás, outro seria e bem mais elevado e dignificante o ambiente de discussão que acerca deles se estabelecesse.

A propósito da conclusão do edifício dos Paços do Concelho, obra necessária e urgentíssima a que é preciso atender-se e pela qual aqui temos combatido, surgiu agora um argumento novo: o de que o edifício é uma ofensa para os católicos porque nele está destinada uma sala para casamentos civis! O casamento civil é lei da República; apenas pela Concordata se atribuíram ao casamento canónico efeitos civis desde que os celebrantes se sujeitem às formalidades da lei civil. Mas que tem isso com a susceptibilidade dos católicos? Porventura já alguma vez os não católicos se julgaram ofendidos pelo facto de os casamentos canónicos se efectuarem em templos sumptuosos? As repartições do Registo Civil estão, em geral, péssimamente instaladas, sem uma sala limpa e própria onde se possa realizar decentemente a cerimónia de um casamento, acto sempre soleníssimo pela sua natureza intrínseca independentemente da entidade que a ele presida. Se nos Paços do Concelho a concluir houver lugar para a instalação do Registo Civil, isso não pode ser motivo de ofensa para ninguém; mas se, por absurdo, o contrário com sinceridade se pudesse imaginar, não seria caso para se não concluir a obra e Guimarães ficar sem os seus Paços; bastaria o Registo Civil continuar onde se encontra.

Os novos Paços do Concelho, «gizados e iniciados» sob um regime que não nos impedia de sermos portugueses, vimezanenses e patriotas e de termos os católicos como aliados e colaboradores na administração municipal, são, na verdade, um símbolo; mas, vão ser ocultá-lo, de iniciativa, trabalho, boa vontade e sacrifício pessoal até ao exagero pelo bem da terra. O «encanto» que os «enfiteitas» é fácil de desaparecer desde que prevaleça acima de tudo o bom desejo de se fazer progredir Guimarães. O resto a que se alude de «metralhadoras» e «sectarismos absoletos» é disparate que não percebemos, como também não atingimos o alcance da referência à formidável construção que esmaga e apaga as saudosas e lindas ruínas dos Paços dos Duques de Bragança.

Repetimos que não queremos uma Frente. Frentes há sempre, tudo quanto existe tem uma frente; o que queremos, o que pedimos é a união dos da frente entre si e com os que ficam atrás, para que todos juntos, e somente no que se refira ao bem da terra, trabalhem e colaborem num bloco único e inquebrável. Nada tem a doutrina, o erro, a bondade e o mal, tudo relativo às paixões, crenças e sentimentos de cada um, com a união que preconizamos; o nosso ideal é o abater de todas as bandeiras, todas, sejam elas quais forem, desde que se trate de fazer progredir Guimarães. Nesse único caso, não haveria bons nem maus, nem santos nem criminosos: haveria vimezanenses, um único pendão, o da cidade.

Não nos querem compreender os que, com aquela «graça que lhes é peculiar» e que ainda há bem pouco tempo se revelou na caricatura insultante com que pretenderam ridicularizar, num jornal católico das cercanias, alguém que, na sua vida particular, está no direito de proceder como entender e que, aliás, goza da estima e grande consideração, publicamente manifestadas, de eminentíssimas autoridades da Igreja Católica, e atiram-se-nos com a mesma graça, mas também sem verdade nem respeito pela decência jornalística, procurando fazer *espírito* a pretexto da fé, que ainda de todo não perdemos, de que seria útil e possível unir os vimezanenses para pugnarem, juntos num único e forte baluarte, pelo progresso de Guimarães.

Pensar assim e referirmo-nos à mão embora honrada mas mercenária que cumpre sem qualquer espécie de sentimento próprio um acto simbólico que desejaríamos fosse praticado com compreensão e com emoção patriótica é pretexto para as mais disparatadas insinuações, com o 19 de Outubro e a Legião Vermelha à mistura! Que miséria!

M.

Lede, propagai e assinaí o «Notícias de Guimarães»

## Súplica de Ester

*Ester, glória imortal, nobre figura,  
Casta pomba das margens do Jordão,  
Alma viril, sublime coração,  
Áureo 'splendor e adorno da Escritura,*

*Em duro cativo, em amargura,  
Longe do Templo Santo de Sião,  
Deplora de Israel a ingratidão  
Que atrai do Céu a punição futura*

*Jeová é vosso, diz o Povo Eleito,  
Embora renegado tenha o preito  
D'homenagem que outrora vos jurou!*

*E, como mulher forte, a Israelita  
As iras aplacou de Deus e, na desdita,  
O povo seu do Eufrates libertou.  
1951.*

MENDES SIMÕES.

## VIAGEM

Por AURORA JARDIM.

Ela julgou que aquilo era finalmente o amor.

Casara por capricho no frenesi raivoso em que a deixara o noivo, abandonando-a.

Casara com o Alves, um senhor não novo e vagamente obeso que tinha um armazém de atalhados e morins, por grosso.

Mas o Alves portou-se melhor do que muita gente julgava: deu-lhe uma filha.

Verdade seja que Ela nunca ligou muita importância ao facto, revoltando-se mesmo aí pelo quinto mês quando notou que «já se conhecia».

Ainda tentou apertar-se para melhor dissimular. Mas conseguiu adiar a falta de elegância apenas por um mês.

Quando a criança nasceu, achou-se feita, muito encarnada e carequinha, mas gostou do seu pequenino calor e coseu rendas em chambrinhos de cambraia.

Era uma boneca — entreteinha-a, mas não deixava de a enervar quando queria acabar de ler o romance em que o Romeu sobe a escada de seda que leva ao coração da Julieta.

Ora quando, num chá de confeitaria em moda, lhe apresentaram o Emilio S. que a fitou com olhos de vulcão, Ela sentiu-se perturbada.

Estabeleceu-se a corrente. Ela disse que tinha um dote fabuloso que o marido seria obrigado a restituir-lhe e ele declarou que possuía minas no Rio del Plata.

Resumindo (que o caso não vale minudências; a nota emotiva está no fim): Ela abandonou o lar e a filha, ele tinha um advogado amigo com quem conversou antes da partida.

«Aquilo era finalmente o amor!» — pensava ela, considerando-se Julieta.

«Aquilo é que ia ser uma grande mina, das que o são a valer...» — pensava ele, apertando-lhe muito o cinto que, por coincidência, era de metal dourado.

Mas, de súbito, o céu pareceu de fogo: era o avião que estava em chamas.

Cintos, para-quadras, recomendações... tudo foi em vão.

Quando os homens da terra encontraram o pássaro tombado lá do céu, viram também os mortos.

Aquele cadáver meio carbonizado devia ser de mulher, pois nele reluzia um cinto de metal dourado.

A sua mão enclavinava-se num objecto de camurça branca de que se via metade: um sapatinho de criança.

## TALVEZ

Tu sabes quem é aquele que ali vai Curvado, amargurado, esfarrapado, Contrito ao seu destino, sem um ai, Sem maldições, sem pragas ao seu fado?

Aquele que tropeça e vezes cai Nas covas do caminho acidentado, E de rastos, das covas, curvo sai Com o rosto ferido, ensanguentado?

Que à sua reza os cães ladram nos muros, A garotada atira chascos duros, Os bêbedos ditérios sujos, crus?

Sabe-se lá quem é!... Mas pode ser Que seja, por nós todos, a sofrer Neste mundo, outra vez, o bom Jesus.

Janeiro de 1951.

DELFINO DE GUIMARÃES.

## RESPIGA...

Passando em revista quanto se tem escrito acerca do desenvolvimento material da nossa terra, verifica-se que uns estão satisfeitos com o existente e outros mostram-se desgostosos e arrelhiados com a marcha das coisas que dizem respeito a esse desenvolvimento.

Dum lado a certeza, quase, de que progredimos; do outro a convicção de que nada se há feito que modifique o velho aspecto do torrão pátrio comum.

Defendem uns, outros atacam. Uns são optimistas, outros pessimistas. Quer dizer: a luta estabeleceu-se como que no intuito de fazer ressuscitar um cadáver. E esta luta, digamos, é daquelas que há-de dar vida a um morto ou tornar mais certa, se é possível, a sua morte.

Sempre assim foi. Os homens degladiam-se, investiam-se, soavam-se, embora muitas vezes com boas intenções, mas pousando no mesmo tablado e esgrimindo toda a

vida as mesmas armas com iguais aspirações.

E' nobre o desejo dos contendores, porque toda a contenda é legítima, quando o fim que se visa é digno do esforço que se emprega.

O optimista, vulgarmente, é fácil de contentar. Um frouxo raio de sol acalenta-o, embriaga-o, a ponto de supor ver claro na escuridão mais espessa. E' um cego que tem a ilusão de que em breve os seus olhos se abrirão à luz. Não vê, mas parece-lhe que já está vendo. Deixa-se embalar por uma imaginação precipitada, fértil em crer que existe o que ainda está muito longe de ser real.

O pessimista aguarda sereno o desenrolar dos factos; crê quando vê claro; certifica-se com segurança da existência das coisas que reclamaram a sua atenção e constituem o tema dos seus desejos; é preciso, firme nos aplausos a que a realidade tenha direito, deixando por

## Um exemplo e uma lição

E' sempre com muito agrado que lemos os versos do nosso prezado amigo e sensitivo poeta sr. Delfim de Guimarães. O seu soneto, publicado no último número do «Notícias de Guimarães», com vista «aos que fazem as guerras», é um exemplo e uma lição para todos aqueles que procuram transformar a Humanidade em massa de canhão. E' um exemplo, dizemos, porque nele deveriam meditar todos aqueles que só pensam na tempestade da carnificina e da destruição e é uma lição porque, invocando a doutrina de um Homem singular, ela não é praticada por todos os que, mais e melhor, deveriam concorrer para a sua justa e preciosa compreensão.

Infelizmente, alguns dos mais responsáveis pela expansão do Bem, são os que mais ateiaram a fogueira das rivalidades e das desinteligências e que, portanto, em vez de criarem um ambiente de amigável e humano entendimento erguem barreiras contra ele. E' assim que o mundo de hoje caminha para um futuro de mais dolorosos sacrificios e para uma mais acentuada intransigência entre os povos ou as nações. E enquanto esse cenário nos aparece no horizonte internacional, o seu reflexo vai actuando dentro de limites incomparavelmente mais restritos.

Há cérebros que apenas vivem iluminados pela luz mortífera da separação e que, em face disso, não perdoam àqueles que lutam pelos benefícios da bonança e combatem as trágicas consequências da tempestade. Que esses meditem no referido soneto de Delfim de Guimarães e, sobretudo, que não deixem de fixar a sua reflexão na parte final do mesmo:

«Lembraí-vos que na Hora da Paixão Pediu pra seus algozes o perdão»

De facto, estas palavras têm oportuna adaptação ao

momento presente, sem distinção de meios grandes e pequenos. Se o errar é próprio dos homens, o perdão deve ser ainda mais próprio, visto que o perdão foi proclamado pela palavra de Deus, infinitamente Bom e Misericordioso.

Ora, se Ele deixou esse exemplo e deu essa lição de Bondade e de Misericórdia à Humanidade, não está certo que a sua vontade seja destruída pelos que se dizem seus servos muito humildes e muito fiéis. Além disso, há casos em que não se torna necessário perdoar, mas somente transigir dentro da própria doutrina do Divino Mestre.

Que felizes seriam os povos — grandes ou pequenos — se os campos das lutas em que jogam os seus destinos fossem substituídos por jardins acarinados pela beleza e pelo perfume das suas flores, delicadas mensageiras da Paz, da Harmonia, da União!

Que felizes seriam todos os crentes se respeitassem a doutrina de Deus e não a contrariassem por actos e factos que a mesma condena!

Que felizes, enfim, seriam todos os povos se o azul do Céu os convencesse a amarem-se uns aos outros!

S. M.

### Aproxima-se a Páscoa...

**A IMPERIAL** está a receber objectos tentadores, próprios para V. Ex.ª presentear.

Prefiram este estabelecimento que lhes apresenta sempre as últimas novidades americanas.

**A IMPERIAL**

Rua de Santo António, 33/34

Telefone 40157

GUIMARÃES

Anúnciá no NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

isso de cantar vitória antes do momento próprio.

Entretanto o mundo marcha. E que vemos?...

Nós enfleiramos com o grupo que pacientemente esperam que os frutos amadureçam, visto como, colhê-los verdes, é prejudicial à saúde e da sua ingerência pode resultar mal irremediável. Nada de entusiasmos fáceis: serenidade, frieza de ânimo, conclusões claras.

Compreendemos que, através do marulho de escritos e comentários verbais a propósito do caminhar das coisas da nossa terra, um ponto escuro se destaca que, de certo modo, justifica a aspeira com que, de quando em vez, são trazidos a público. Esse ponto escuro, incômodamente realçado pelo andar dos tempos, que de longe vêm, é a descrença em que vivemos de que, mau grado nosso, o presente e o futuro não têm a afiança-los o procedimento posto em prática desde então até agora, salvas raras excepções. Quem tenha sido um dia esgalado, até de água fria tem medo...

Contudo, esperemos; esperar é de bom conselho.

Afirmemos, todavia, que consola ver-se que vai aparecendo quem escreva, quem fale, quem manifeste desejo veemente de que a nossa terra não se assemelhe a qualquer aldeia condenada a sê-lo indefinidamente. Assiste-nos o direito de progredir, de sair do atoleiro a que por muitos fomos arremessados sem a menor espécie de escrúpulo, de envolta com uma irrisão que provoca calafrios.

Calar sempre, corresponde a consentir sempre que subsista o que de modo algum deve subsistir. Os bem intencionados colherão o prêmio do seu sacrifício em prol duma causa justa. Mas os que, maléficos, ininteligentes e absurdamente votados a travar o nosso engrandecimento, deixando-se imbuir de censurável apatia, esses terão de sofrer o vexame da nossa reprovação.

E não se diga que é exagerada esta propaganda, gritada, embora, a favor de Guimarães. Nunca é demais o que se exprima, quando se impõe que isso se faça para que orelhas moucas cheguem a ouvir palavras sinceras em ordem e conseguir-se a realização do indispensável à terra em que nascemos.

Propagar boa doutrina, bater no ferro frio até que ele se torne ductil, é norma de que só resultam apreciáveis benefícios. O silêncio autoriza e desculpa a inacção.

Relevem os que em sua mão têm os destinos dum povo que quer caminhar progressivamente, as manifestações de vida que ele de si vai dando. Não há nisto reservas acintosas, nem desejo de apagar os que se alçaram por mero acaso ou por força de circunstâncias que, imperiosamente, os indicaram para tanto. O estabelecido duelo escrito e falado é como que uma revelação da idade, da experiência e da necessidade que a altos brados reclama a justa posição dum aglomerado humano repleto de anseios a cuja realização tem indiscutível direito.

Estamos certíssimos de que, finda a contenda, não haverá que curar feridos, nem que enterrar mortos.

O tempo, juiz supremo no caso, encarregar-se-á de trazer à superfície deste mar revoltado o episódio do drama, assinalando — ou o glorioso triunfo dos optimistas, ou a dolorosa ratificação dos funestos prenúncios dos pessimistas...

R.

## Impressões e Comentários

Meu caro amigo

Não és só tu quem lamenta a falta de transporte para a Penha, essa bela e encantadora Estância de Turismo, onde a obra da natureza conseguiu maravilhosos e extraordinários atractivos do seu poder realizador.

Ali, no cimo da pitoresca montanha, a melancolia transforma-se em bom e agradável humor e a tristeza desaparece para dar lugar ao prazer da alegria e da satisfação. Na Penha, o nosso espírito não se sente abatido com as agruras da vida nem com as desavenças e inquietações que, infelizmente, pairam sobre esta pobre humanidade. Lá, tudo esquece a esse respeito, porque o silêncio da penedia e a pureza do ar que tonifica o nosso organismo transpõem-nos para um ambiente de beleza e de atracção, o qual afasta de nós o pensamento em contrariedades e preocupações.

Quem me dera, meu amigo, poder viver isolado naquele cofre de maravilhas e deixar a vida da cidade, sempre turbulenta e *mixeriqueira* em alguns sectores da mesma.

Porém, a minha situação não me permite realizar esses desejos e, por isso, terei de me conformar com a única regalia que tenho de contemplar cá de baixo o que não posso apreciar lá em cima; mas isto não sucederia se, pelo menos, a facilidade de transporte me permitisse, em qualquer altura ou oportunidade, uma deslocação económica, visto que tenho por hábito fazer-me acompanhar da família e não a deixar em casa. De resto, o problema do transporte para a Penha continua a arrastar-se sem solução, não obstante ser esse o factor que mais prejudica o merecimento desse local como Estância de Turismo.

Tu dizes que tens estranhado a falta de iniciativa dos Vimaraneses nesse sentido e lembras, a propósito, o nome do saudoso Bernardino Jordão, esse Homem para quem a iniciativa particular não era *letra morta*, assim como as suas disponibilidades financeiras não constituíam fundos *irremovíveis* e foi, exactamente, quando pensava na solução do problema do transporte para a Penha que a morte desfez todos os seus planos de futuras realizações.

Como vês, eu também o recordo com saudade, tanto mais que enquanto Ele dorme o sono eterno, não vejo frutos do exemplo de bairrismo que deixou nesta terra.

Sobre outros assuntos da tua carta, falaremos depois. Abraça-te o teu amigo certo.

Guimarães, 8-III-1951. A.

**Escritório** em castanho e eucalipto, composto de 1 estante, 1 secretária, 1 cadeira giratória e 2 cadeiras.

Preço 1.950\$00.

Armazéns Alimenta

## AGRADECIMENTO

Brígida de Jesus Gonçalves, encontrando-se já restabelecida da enfermidade que motivou o seu internamento no Hospital de Santa Maria, do Porto, vem, assim como seu marido, Abílio Gonçalves, cumprir o grato dever de manifestar publicamente o seu reconhecimento, a todas as pessoas amigas que se interessaram pela sua saúde, protestando-lhes a sua gratidão.

Guimarães, 10 de Março de 1951. 107

# FUTEBOL

## Os vimaranenses não tiveram sorte!

Um tento que suscitou dúvidas e originou protestos ditou o resultado do encontro.

Tal incidente verificou-se aos 7 minutos iniciais, período durante o qual a Vitória vinha usufruindo de nítido ascendente, (que se prolongaria por quase todo o desafio), e, por conseguinte, verdadeiramente contra a corrente do jogo.

Vasques, o autor do tento, tocou a bola, sem dificuldade, para as redes de Silva, mas, momentos antes de se apossar da mesma, fizera uma desmarcação fulgurante, motivo, talvez, por que a defesa local, julgando o interior leonino «fora de jogo», parou, à espera que o juiz de campo assinalasse a falta.

Do local onde nos encontrávamos, não nos seria possível ajuizar concretamente, e, portanto, abtemo-nos de dizer algo de positivo.

\* \*

Foieste encontro um dos que a turma vimaranense poderia ter ganho, sem custo de maior, apesar da nomeada do seu valoroso antagonista, se, nos momentos críticos, (para os lisboetas, está visto), derivados das inúmeras e flagrantes oportunidades de que beneficiaram, tivessem agido com calma e mais presença de espírito para finalizar as jogadas.

Acrescente-se a este excesso de nervos, as negações do factor sorte...

Por este motivo mesmo é que os vitorianos deviam ter tido o necessário raciocínio para actuarem à base da calma e presença de espírito, o que lhes teria dado aso a alcançar, sem favor, um volumoso e precioso triunfo, que viria afastar a negra nuvem que vem envolvendo, há uns tempos até a esta data, a sua posição na tabela da classificação, tendo ainda em conta a «ajuda» do resultado verificado na cidade de Setúbal onde o representante da mesma bagueou perante o Sporting da Covilhã por 3 bolas a 2.

\* \*

Embora o campeão de 1951 não tivesse oferecido tarefa consentânea com o seu real e inegável valor, actuou à vontade, despreocupadamente, tendo tido acção de relevo o seu quadrado mágico, onde só Veríssimo destoou, e a sua defesa, apesar de ter cedido terreno ao ataque vimaranense, (que não teve visão de melhor aproveitar tal facto), soube impor-se, ainda que auxiliada pela sorte.

Foram as balisas de Azevedo as mais assediadas, tanto assim que nos 5 minutos iniciais, foi chamado a intervir para blocar dois fortes remates de Franklim e Alcino, após ter visto a bola, anteriormente, bater outras tantas vezes na trave. Dentro ainda deste curto espaço de tempo, o guardião lisboeta viu F. Mota perder uma excelente oportunidade de batê-lo sem remissão, se tivesse, com calma, dado finalidade a um passe da extrema direita.

Após este lance, a bola foi conduzida por Travassos que, progredindo no terreno, a endossou a Vasques, para este, aos 7 minutos, obter o único tento da partida, nas condições já acima mencionadas.

Os locais que vinham actuando com energia e nunca denunciando desfalecimento, continuaram com as investidas no mesmo ritmo, procurando alvejar as balisas contrárias, e não viram caroados de êxito os seus esforços devido ao trabalho de Azevedo, que,

com a sua calma habitual e sentido de colocação, frustou todos os intentos dos atacantes vimaranenses, aos quais a sorte, aliada aos nervos teimava em não se lhes juntar.

E até aos 55 minutos da primeira parte, os visitantes ainda não tinham criado perigo nas balisas de Silva, prosseguindo os locais a sua supremacia revelada desde o início.

No recomeço os extremos vimaranenses permutaram, tornando mais notado Franklim, e o andamento da partida moderou-se um pouco, continuando, no entanto, a verificar-se maior perigo nas balisas lisboetas, onde a bola tornou a encontrar o poste, após um remate, de longe, de Costa.

Num dos lances seguintes, Brioso visou as balisas de Azevedo, rematando à figura, quando, com um pequeno toque ao lado, poderia ter evitado a intervenção do guarda-visitante.

Sucediam-se os remates às redes do Sporting, sem que algo de proveitoso resultasse para o representante de Guimarães, que a jogar com melhor coordenação, vira ruir os seus intentos, com a bola constantemente a ressaltar nos postes, e a defesa leonina a não dar largas aos dianteiros, a provocar cantos para salvar as balisas de Azevedo, tornando, deste modo, impossível um empate, que nos últimos minutos esteve à vista, quando Brioso, antes de desferir o remate compensador, hesitou por momentos, o suficiente para a defesa visitante ter afastado o perigo.

Note-se que, minutos antes, os lisboetas tiveram duas oportunidades de aumentar o resultado, por intermédio de J. Correia, ao rematar, com Silva só pela frente, indo a bola bater na trave, e na jogada seguinte, o mesmo jogador visou as balisas de Silva que, com muita felicidade e instintivamente anulou o remate.

E até final, o encontro manteve-se nestas características. Arbitragem sóbria do sr. Vieira da Costa.

Antes do começo do desafio, foram oferecidas a Azevedo lembranças regionais.

Os grupos formaram:

**Sporting** — Azevedo, Caldeira e Juvenal; Canário, Passos e Veríssimo; J. Correia, Vasques, Wilson, Travassos e Albano.

**Vitória** — Silva, Vieira e Costa; Magalhães, Cerqueira e Matias; Franklim, Rebelo, Brioso, Alcino e F. Mota.

F. Camisão.

**Tipografia IDEAL**  
Execução perfeita de todos os trabalhos

Aqui para nós!

A *Sapataria Vimaranesense* é a casa que melhor calçado apresenta. Os seus lindos modelos são o encanto das

SENHORAS ELEGANTES...

**MONDEGO**

A marca de calçado de SENHORA que se impõe.

EXCLUSIVO da 94

**SAPATARIA VIMARANENSE**  
78, R. da Rainha, 82—GUIMARAES

## Festa do 9 de Março na Sociedade Martins Sarmento

Promovida pela actual direcção da Sociedade Martins Sarmento, a que distintamente preside o ilustre Oficial do Exército sr. Coronel Mário Cardoso, e em comemoração do aniversário do nascimento do egrégio Patrono daquela benemérita Instituição Cultural da nossa Terra — o imortal sábio Martins Sarmento — realizou-se ontem pelas 14 horas e no salão nobre da Sociedade, com a presidência do Vice-Presidente da S. M. S. sr. Dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha e a assistência de numerosas individualidades em destaque no nosso meio, a sessão solene para a distribuição de prémios aos alunos mais distintos dos nossos estabelecimentos de ensino.

O salão estava repleto de pessoas, predominando entre a assistência a distinta classe do professorado primário e vendo-se também muitas famílias dos alunos que ali foram receber a recompensa pela sua dedicação aos trabalhos escolares.

No decorrer da brilhante sessão comemorativa usaram da palavra, para se referirem ao significado daquele acto e à acção da Sociedade Martins Sarmento no campo da instrução popular, os srs. Dr. Carlos Saraiva, representante da Câmara Municipal e Dr. Augusto Ferreira da Cunha, que seguidamente procedeu, por entre vibrantes aplausos, à distribuição dos prémios.

Algumas crianças recitaram poesias que foram muito apreciadas e aplaudidas pela numerosa e selecta assistência.

A sessão solene foi abrihantada por um excelente quarteto e no final foi oferecido um lanche às crianças premiadas, às quais também a empreza do Teatro Jordão, a exemplo dos anos transactos, brindou com uma interessante sessão de cinema.

## ESCURISMO

Em substituição do sr. Henrique dos Santos que há tempos e por motivo de ausência de Guimarães teve de abandonar o cargo de Chefe da Junta Local do C. N. E. acaba de ser nomeado para exercer as mesmas funções o nosso prezado amigo sr. Manuel Alves de Oliveira, a quem por tal motivo felicitamos.

## BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

Transporte. . . . .	330\$00
Recebemos de um anónimo. . . . .	200\$00
A transportar . . . . .	530\$00

Foram contempladas pessoas muito doentes e famílias envergonhadas.

**Mobiliário de Quarto** em madeira de castanho e eucalipto com 8 peças; (Psyché com 3 espelhos em cristal), preço 2.850\$00.

Armazéns Alimenta 75

## Associação Humanitária dos Bombeiros U. de Guimarães

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

São convidados os Srs. Associados da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães a reunirem em sessão extraordinária da Assembleia Geral que se realiza no Salão Nobre no próximo dia 18 do corrente, pelas 9 horas. Se a esta hora não estiver

número legal de sócios, fica a Assembleia convocada para as 10 horas, funcionando com qualquer número de sócios.

## ORDEM DOS TRABALHOS

Discussão e aprovação do Regulamento de Assistência ao Corpo Activo desta Associação Humanitária.

Guimarães, 4 de Março de 1951.

O Presidente 100  
da Assembleia Geral,

Augusto Gomes de Castro  
Ferreira da Cunha.

## Associação Humanitária dos Bombeiros U. de Guimarães

### ASSEMBLEIA GERAL

São convidados os Srs. Associados da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, a reunirem em sessão ordinária da Assembleia Geral que se realiza no Salão Nobre no próximo dia 18 do corrente, pelas 10,30 horas.

Se a esta hora não estiver número legal de sócios, fica a Assembleia convocada para as 11,30 horas, funcionando com qualquer número de sócios.

## ORDEM DOS TRABALHOS

Discussão e aprovação do relatório e contas da Gerência de 1950.

Eleição dos Corpos Gerentes.

Guimarães, 4 de Março de 1951.

O Presidente 99  
da Assembleia Geral,

Augusto Gomes de Castro  
Ferreira da Cunha.

## Câmara Municipal de Guimarães Convocação

Doutor Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães :

Convoca, em consequência de não se haver efectuado, por falta de número legal, a sessão do Conselho Municipal, fixada para o dia 15 do mês findo, os Excelentíssimos Senhores Vogais para a reunião que terá lugar no dia 13 do corrente, pelas 15 horas, para os efeitos do disposto no § 3.º do artigo 29.º do Código Administrativo.

Paços do Concelho de Guimarães, 5 de Março de 1951.

O Presidente 104  
da Câmara Municipal,

Augusto Gomes de Castro  
Ferreira da Cunha.

## Não se esqueça

De visitar no Tournal a Casa Jaime. É um novo estabelecimento de Camisaria, Gravata, Chapelaria, Malhas, Gabardines, Luvas, Perfumarias e Brinquedos. 17

Artigos bons, bonitos e baratos.

**CASA JAIME** ao Tournal

NÃO SE ESQUEÇA

## Ovos para incubação

Das melhores raças: Orpington Preta, Leghorne branca, Rod Island Red, Plymouth Roch.

Vende a Casa d'Arca, telef. 4195, ou em Guimarães, a Casa Ferreira da Cunha, ao Tournal. 98





# No 17.º Aniversário do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil, saudando os seus dirigentes que têm procurado ser fiéis intérpretes dos legítimos interesses e aspirações da classe, saudamos os 30 mil trabalhadores da Indústria Têxtil que têm no nosso Concelho o seu maior centro de produção.

O Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil, por intermédio daqueles elementos que o têm dirigido em sucessivas direcções, ou Comissões Administrativas, tem-se esforçado sempre por obter para os trabalhadores da região as maiores regalias, defendendo os seus legítimos interesses e fazendo eco das suas aspirações.

Junto do Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social e bem assim do Delegado no Distrito do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência Social, tem sempre, com todo o calor e com desassombro, advogado a causa dos milhares de trabalhadores que representa, procurando obter para os seus associados melhoria de situação económica e as indispensáveis regalias na doença e na invalidez.

Ainda recentemente e sempre na defesa dos interesses dos seus associados o Sindicato Têxtil fez uma representação ao Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social, pedindo encarecidamente para Sua Ex.<sup>ta</sup> interceder junto do Senhor Ministro da Economia no sentido de ser ordenada a entrega imediata às fiações da indústria têxtil da rama de algodão necessária para manter em plena laboração as referidas fiações durante os 6 dias da semana, visto que, a redução que lhes foi imposta pela C. R. apenas permite o trabalho de 4 dias por semana, o que ocasiona dificuldades enormes para os trabalhadores.

Ao fazer esta representação a Comissão Administrativa do Sindicato não deixou de pôr em evidência que «é, sem dúvida, esta indústria das de mais alto valor e maior projecção na Economia Nacional, merecendo por isso todo o amparo».

Um pouco antes a mesma Comissão Administrativa e depois de apreciar uns decretos publicados fez, deste modo, proclamar os seus direitos:

Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social — Lisboa.

Excelência:

O Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga, representando 30.000 trabalhadores e na certeza de interpretar a vontade e os anseios de todos eles, vem, muito respeitosamente, expor e impetrar o seguinte, acerca de algumas disposições contidas nos Decretos n.ºs 37.749 e 37.762, respectivamente, de 2 e 24 de Fevereiro do ano corrente.

O segundo destes diplomas cerceia as regalias que, com toda a justiça, anteriormente gozavam estes trabalhadores, de modo tão profundo que bem pode dizer-se, sem exagero, que lhes tornou, mais do que difícil, impossível a sua sobrevivência em casos de doença grave.

Alguns dos mais elementares direitos destes trabalhadores, foram assim, postergados.

São de tal maneira evidentes as razões que nos assistem nesta representação ao Trabalhador n.º 1 de Portugal, àquele em que absolutamente confiamos e a quem jamais poderemos suficientemente agradecer quanto por nós tem feito, que nos limitaremos a dar sucinta indicação delas.

Antes da entrada em vigor do Decreto n.º 37.762, bastava que os beneficiários das Caixas Sindicais de Previdência e das Caixas de Reforma e Previdência estivessem legalmente inscritos, para terem direito a assistência médica e medicamentos. Aquele Decreto, porém, no artigo 2, estabelece que a assistência médica e medicamentos só serão concedidas aos beneficiários que tenham, pelo menos, um ano de inscrição. Fixou, para a assistência médica e medicamentos o mesmo período de garantia a que estava sujeito o direito ao subsídio pecuniário na doença. O regime anterior era, sem dúvida, perfeitamente razoável e humano.

As razões justificativas desta alteração, apresentadas no relatório que antecede o mencionado Decreto, não são, salvo o devido respeito, de convencer os que podem sofrer-lhes as consequências. Nem ainda se justifica a modificação do montante do subsídio pecuniário constante do artigo 3 do mesmo Decreto. Está certo que haja uma percentagem fixa — essa percentagem não deve ser inferior, por todo o período de 270 dias, a 75%. E' precisamente quando está doente que o trabalhador mais carece de auxílio.

Para obstar quaisquer abusos, já se alargou, de 3 para 6, os dias para a verificação da doença. Aliás, não há quaisquer razões que convençam de que, doente, cerceadas como foram as regalias que até à publicação daqueles diplomas usufruía, o trabalhador beneficiário possa tratar-se e continuar com os demais encargos familiares recebendo menos 40% do que no tempo de perfeita validez. O artigo 6 do Decreto n.º 37.762 deveria ser modificado no sentido de onde está «no terceiro mês anterior ao da pretensa baixa» se consignar «em qualquer dos três meses anteriores ao da pretensa baixa». A modificação proposta não carece de justificação especial.

Por força do disposto no referido Decreto, a Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil deliberou (circular n.º 263, de 22 de Março de 1950):

1.º — Extinguir desde já os serviços de grande cirurgia e não custear novos internamentos tanto hospitalares como sanatoriais; 2.º — Não conceder novos subsídios de aleitação; 3.º — Não renovar os subsídios extraordinários que vem concedendo e indeferir todos os pedidos de tais subsídios que ainda não foram apreciados; 4.º — Suspender a assistência do prótese ortopédica e oftalmológica; 5.º — Suspender a assistência hidro-termal; e 6.º — Suspender o subsídio de transportes dos beneficiários que tenham de deslocar-se para resolver quaisquer modalidade de assistência.

Quer dizer: de um momento para o outro, os trabalhadores têxteis viram-se privados destas regalias, assim como de outras (concessão de óculos, fundas, cintas, meias elásticas, pernas e braços artificiais, etc.).

Esta simples enumeração justifica plenamente o estado de indizível desgosto e de alarme em que os deixaram as temíveis consequências do questionado Decreto. Parece-nos, ainda, de todos os pontos de vista útil que não se mantenha, tal como se encontra, o n.º 2 do artigo 11 do Decreto n.º 37.762. Sem embargo de nunca deixar de ter-se em vista o estabelecido no n.º 1 deste artigo, o médico poderia, quando o julgasse absolutamente necessário para a saúde do beneficiário, receitar quaisquer outros medicamentos. Também deveria incluir-se, na assistência medicamentosa, a concessão de estroptomicina, produto injectável que já deu maravilhosas provas no tratamento de doenças gravíssimas, em especial da tuberculose, aquela vítima mais os trabalhadores.

Os artigos 13 e 14 do citado Decreto deveriam ser suprimidos. Sobre tudo o disposto no artigo 14 trouxe como resultado serem lançados na miséria muitos beneficiários que fizeram os seus descontos e actualmente andam a mendigar, para mitigar a fome.

Por último e em relação ao disposto no Decreto n.º 37.749:

Com a sua entrada em vigor, poucos beneficiários poderão legar o subsídio de morte à família, pois, exceptuando o cônjuge sobrevivente, para os restantes herdeiros são exigidos os requisitos de estarem a cargo do beneficiário e de viverem em comunhão de mesa e habitação.

Não se compreende que assim seja. No geral, o trabalhador têxtil, quando morre, já está a cargo de filhos ou de parentes.

As mencionadas limitações não têm razão de ser.

E ainda há bem pouco e por sentir a obrigação daquele Organismo Corporativo velar, em qualquer altura, pelos legítimos interesses dos seus representados e depois de algumas juiciosas considerações à volta do assunto, a C. A. do Sindicato, numa bem elaborada representação ao Senhor Presidente

## Delegado do Instituto N. do Trabalho

Os trabalhadores vimezanenses que sempre têm encontrado no actual Delegado do I. N. T. Sr. Dr. Mário Roseira, um acérrimo defensor dos seus interesses e regalias, digno sucessor do devotado Amigo dos operários, Sr. Dr. Henrique Cabral, prestam-lhe, sempre que para isso se oferece ocasião, as suas homenagens da maior simpatia e reconhecimento.

E porque bem sabem o quanto S. Ex.<sup>ta</sup> se tem esforçado por que sejam escutadas as petições dos trabalhadores, espera o Sindicato Nacional da Indústria Têxtil continuar a merecer o valioso auxílio do ilustre Delegado Distrital, sem o que não pode a sua obra — obra modesta de trabalhadores em prol dos interesses de tão numerosa e operosa classe — prosseguir altiva como é mister.



## Os servidores do Organismo

A Comissão Administrativa do Sindicato, que durante bastante tempo dirigiu os seus destinos e que hoje depõe o seu mandato, era constituída pelos srs.:

Manuel Magalhães — Presidente  
José de Almeida — Secretário  
Joaquim de Castro Fontão — Tesoureiro.

A Direcção que hoje toma posse é composta pelos srs.:

Severino Machado Ribeiro — Presidente  
Adriano Fernandes Costeira — Secretário  
José Firmino de Faria — Tesoureiro.

Oxalá que os seus esforços em prol do progresso da classe e do bem estar de todos os trabalhadores sejam coroados do melhor êxito.

da Câmara Corporativa ventilou o delicado assunto da revisão de um acordo colectivo, pondo-o em confronto com a situação precária em que se encontra a maioria dos profissionais da indústria têxtil, sem capacidade económica para enfrentar o persistente aumento do custo de vida verificado desde 1945 em diante.



Manuel Magalhães  
que presidiu à C. A. do Sindicato, servindo o organismo com a maior dedicação em prol da Classe.

por maneira merecedora dos mais justos louvores.

No que a tal respeito o seu Relatório de Gerência, que vai ser distribuído a todos os associados fala eloquentemente:

**Ação Social** — Os operários têxteis precisam de granjear um salário suficiente, compatível com as suas necessidades mais urgentes.

No discurso proferido por Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho, em 16 de Março de 1953, subordinado ao tema «Conceitos Económicos da Nova Constituição», lê-se seguinte passagem: — «Na base do trabalho está a necessidade fundamental de conservar e transmitir a vida; na base do trabalho está a vida do trabalhador. Se muitos homens não dispõem para viver de mais nada senão do potencial do seu trabalho, duas conclusões se impõem: — Uma, é que é preciso organizar a Economia Nacional, de modo a terem trabalho os



Severino Machado Ribeiro  
Presidente da Direcção deste Organismo, eleito em Assembleia Geral no dia 4 de Fevereiro próximo passado.

trabalhadores; outra, é que o trabalho tem de ser regulado e organizado por forma que o salário permita aos trabalhadores, viver».

Quem trabalha tem direito à vida, e não encontra outra maneira de a obter que não seja pela retribuição do trabalho na produção.

E como a maioria da população portuguesa não tem outra maneira de viver senão a que lhe advém pelo trabalho, esta forma demonstra-se mais ou menos geral e de justiça, como até hoje outra ainda se não descobriu.

Só pelo trabalho e do trabalho queremos viver; como tal, desejamos que o da indústria têxtil seja de novo regulado e mais eficazmente defendido.

Deste modo, sendo das remunerações do trabalho aquelas de que mais depende a vida social, é de necessidade que se determine o seu quantitativo sobre o mínimo de valores que caiba na produção e seja considerado suficiente para uma existência em condições tradicionalmente reconhecidas como dignas.

Esse mínimo, tem necessariamente de elevar-se, na proporção em que se afirmem os progressos da técnica e dos capitais; está já muito demonstrado que a civilização traz consigo um aumento de nível de vida.

Para este assunto mais uma vez chamamos a atenção das entidades competentes, e esperamos nos seja feita justiça.

Com a criação do Ministério das Corporações, em 1 de Agosto de 1950, os trabalhadores viram realizar-se uma das suas mais urgentes aspirações, porque crêem que com a sua criação será melhor regulamentada toda a estrutura do trabalho.

A Sua Excelência o Senhor Dr. José Soares da Fonseca, ilustre primeiro Ministro das Corporações, apresenta esta Comissão Administrativa em nome deste Organismo as suas mais sinceras homenagens, não esquecendo o carinho que prometeu dispensar aos problemas dos trabalhadores têxteis.

Ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência neste Distrito, agradecemos a atenção, saber e interesse que sempre dispensou a todos os assuntos relacionados com a nossa acção, bem como a maneira prudente e sábia com que se dignou orientar-nos.

Agradecemos ainda, muito penhorados, as visitas que Sua Excelência nos fez, à Colónia Balnear Infantil, na Póvoa de Varzim, e pelo Natal Têxtil a esta Sede Social.

Ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor João Maria Rodrigues Martins da Costa, digníssimo Assistente Corporativo, junto deste Sindicato Nacional, prestamos as nossas homenagens e agradecemos muito reconhecidos os seus conselhos, sempre cheios de saber e prudência.

**Colónias Infantis:** — Levou a efeito esta Comissão Administrativa a realização da Colónia Balnear Infantil, privativa deste Sindicato Nacional, composta de dois turnos distintos, sexo masculino e feminino, e instalada nas dependências do Colégio D. Nuno na Póvoa de Varzim.

Estes turnos foram compostos respectivamente, o primeiro com 176 colonos do sexo masculino, e o segundo com 183 colonos do sexo feminino, e tiveram a duração mínima de 21 dias cada.

Procurou-se, por todas as maneiras ao nosso alcance, fazer com que os colonos fossem tratados com aquele carinho de que eram dignos e que nunca sentissem falta de qualquer coisa a que estivessem habituados.

Houve principalmente o cuidado na sua alimentação, restando-nos a consolação em consciência de podermos afirmar, sem receio de desmentido, que nunca as crianças foram tão bem tratadas como nesta Colónia Balnear.

Não pretendemos de forma alguma menosprezar quem superintendeu nas Colónias anteriores, pois bem sabemos as cansaças e cuidados que tiveram, o que os torna dignos da nossa admiração.

Nesta assistência de tão grande alcance social, gastou esta Comissão Administrativa a quantia de Esc. 68.663\$75.

**Subsídios na Doença:** — Foram beneficiados nesta rubrica 138 sócios, tendo-se dispendido a importância de Esc. 10.704\$00.

**Subsídios na Invalidez:** — Também nesta modalidade teve esta Comissão Administrativa de socorrer muitos sócios necessitados, tendo sido beneficiados 257 operários e tendo-se gasto a quantia de Esc. 12.757\$20.

**Subsídios no Desemprego:** — Dispendeu-se nesta rubrica a quantia de 7.716\$50, e foram subsidiados 129 sócios deste Organismo.

**Natal Têxtil:** — Resolveu esta Comissão Administrativa em colaboração com os Ex.<sup>mos</sup> Industriais, levar a efeito a realização do Natal Têxtil, para o que resolveu fazer uma visita a todas as firmas do concelho, para a angariação de tecidos e outros donativos para aquele fim. Em tão boa hora o fez, que conseguiu arranjar consoadas com que foram beneficiados 217 associados, tendo gasto este Sindicato Nacional apenas a quantia de 1.208\$00. Aos Ex.<sup>mos</sup> Industriais que contribuíram para esta grande obra, avaliada em mais de 15.500\$00, testemunhamos a nossa gratidão e reconhecidos agradecemos.

Ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Assistente Corporativo, que teve a gentileza de oferecer a quantia de Esc. 1.200\$00, com que foram beneficiados mais 22 sócios deste Organismo, os nossos mais sinceros agradecimentos.

Recebemos durante o ano de 1950, 805 ofícios, cartas e circulares, e enviámos 697 ofícios a diversas entidades.

Além de tudo o que acaba de ficar exposto, regista-se ainda um saldo positivo na Conta do Exercício de Esc. 23.332\$70.

Cumprimo-nos agradecer a todas as pessoas que por qualquer forma facilitaram a nossa missão.

Aos funcionários da Secretaria deste Sindicato Nacional, pela colaboração prestada e vontade de bem cumprir de que sempre deram provas, os nossos melhores agradecimentos.

Ao terminar este Relatório, cumpre-nos agradecer a confiança em nós depositada, e solicitamos a vossa aprovação.